

CÍRCULOS EM MOVIMENTO: A CONSTRUÇÃO DE UMA COMUNIDADE ESCOLAR RESTAURATIVA¹

CIRCLES IN MOTION: BUILDING A RESTORATIVE SCHOOL COMMUNITY

Cristian Reginato Amador²
João Marcelo Cavalheiro de Vargas³
Isabel Cristina Martins da Silva⁴

RESUMO: apesar das inúmeras tentativas de se alcançar o *turnaround* educacional, com o escopo de superar metodologias obsoletas e que perpetuam uma realidade escolar negligente e estanque, ainda presencia-se uma reprodução do que se entende por geração do “cérebro de lobo”, uma geração marcada pelo ensino desenvolvido através da força, da autoridade, do controle e da obediência. Percebendo de tal ponto e reconhecendo o papel de cada grupo social na superação da cultura vigente, o Centro de Mediação e Práticas Restaurativa idealizou e desenvolve o projeto “Círculos em Movimento: a construção de uma comunidade escolar restaurativa”, sendo que seu principal objetivo consiste em pensar e repensar as possíveis origens da violência dentro do ambiente escolar, bem como suas relações socioculturais, seu dinamismo relacional e as eventuais maneiras de tornar a escola um ambiente contra e não produtor de vivências violentas. Com isso, a partir destes pressupostos, questiona-se acerca da possibilidade da utilização das práticas restaurativas na transformação de conflitos em ambiente escolar com o objetivo de desenvolver a cultura da não violência e uma educação baseada em valores, sobretudo ao considerar o uso dos círculos de construção de paz como metodologia específica.

Palavras-chaves: Educação. Práticas Restaurativas. Violência.

ABSTRACT: in spite of the numerous attempts to achieve the educational turnaround, with the scope of overcoming obsolete methodologies that perpetuate a negligent and watertight

¹ Trabalho desenvolvido a partir de estudos e práticas realizadas através do Centro de Mediação e Práticas Restaurativas - CEMPRE, grupo vinculado ao Núcleo de Prática Profissional e Empreendedorismo da Faculdade de Direito de Santa Maria - FADISMA.

² Acadêmico do oitavo semestre do curso de Direito da Faculdade de Direito de Santa Maria. Membro do Centro de Mediação e Práticas Restaurativas - CEMPRE e membro do Grupo de Pesquisa em Direito dos Animais - GPDA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2934027920386764>. Contato eletrônico: cristianreginato031@gmail.com.

³ Acadêmico do sétimo semestre do curso de Direito da Faculdade de Direito de Santa Maria. Membro do Centro de Mediação e Práticas Restaurativas - CEMPRE. Endereço eletrônico: joaomarcelocv03@hotmail.com.

⁴ Graduada em Direito pela Faculdade Metodista de Santa Maria - FAMES. Especialista em Direito da Criança e do Adolescente pela Fundação Escola Superior do Ministério Público (FMP). Formação em Justiça Restaurativa pela Associação dos Juizes do Rio Grande do Sul (AJURIS). Mestranda em Ciências Jurídicas na Universidade Autônoma de Lisboa (UAL), em Portugal. Docente em regime parcial de Justiça Restaurativa e professora membro do Centro de Mediação e Práticas Restaurativas. Endereço eletrônico: isabel.silva@fadisma.com.br

school reality, one can still witness a reproduction of what is understood as generation of the "wolf brain", a generation marked by teaching developed through force, authority, control and obedience. Perceiving this point and recognizing the role of each social group in overcoming the prevailing culture, the Centre for Mediation and Restorative Practices has idealized and developed the project "Circles in Movement: the construction of a restorative school community", its main objective being to think and rethink the possible origins of violence within the school environment, as well as its socio-cultural relations, its relational dynamism and the possible ways of making the school an environment against and not a producer of violent experiences. This raises questions about the possibility of using restorative practices to transform conflict into a school environment with the aim of developing a culture of non-violence and value-based education, especially when considering the use of peacebuilding circles as a specific methodology.

Key-words: Education. Restorative Practices. Violence.

INTRODUÇÃO

A violência no ambiente escolar tem recebido destaque entre pesquisadores, extensionista e pessoas com envolvimento prático/profissional na área, eis que se objetiva pensar e repensar a cultura vigente neste espaço dinâmico e complexo. Em suma, o que se tem são tentativas que visam ponderar suas relações socioculturais, sua dinâmica nas interseções pessoais e maneiras de tornar a escola um ambiente contra e não produtor de relações violentas. Com isso, as Práticas Restaurativas evidenciam novas possibilidades que desvelam possíveis soluções com o escopo voltado a uma reconstrução desta realidade.

Pistoia e Silva (2017) retratam um contexto em que os conflitos na esfera educacional apresentam-se a partir de divergência decorrentes do próprio cotidiano, sendo que tais podem ser refletidas através de condutas negligentes, atitudes agressivas e falta de disciplina e responsabilidade para com os estudos. Desta forma, tem-se uma necessidade de preparo por parte dos professores para que se torne possível o enfrentamento destas condutas desviantes, visando não punir, mas criar uma relação pedagógica voltada a cultura de paz.

Através deste possível novo cenário, as práticas restaurativas desvelam-se através de práticas que representam uma nova concepção acerca do tratamento utilizado na resolução de conflitos, sobretudo ao considerar que o conflito humano é, pois, parte integrante da vida e

atividade social. Podemos dizer que o conflito faz parte do processo comum de interação de uma sociedade aberta (CHRISPINO, 2002, p. 29-31).

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Antigos e novos paradigmas têm desvelado uma necessidade de repensar condutas dentro de um contexto escolar, sobretudo na resolução de conflitos que geram abalos nas relações interpessoais. Trata-se, portanto, de uma necessidade de adoção de abordagens que representam uma nova perspectiva acerca do tratamento utilizado ao solucionar um conflito a partir de uma dimensão humana, sendo que tal pode ser concebido da seguinte forma:

O conflito é, pois, parte integrante da vida e da atividade social, quer contemporânea, quer antiga. (...) se origina da diferença de interesses, de desejos e de aspirações. Percebe-se que não existe aqui a noção estrita de erro e acerto, mas de posições que são defendidas frente a outras, diferentes. (...) O conflito pode ocorrer entre duas ou mais pessoas, entre pessoas e grupos, entre grupos, entre pessoas e organizações, entre grupo e organizações. (...) Podemos dizer que o conflito faz parte do processo comum de interação de uma sociedade aberta (CHRISPINO, 2002, p. 29-31).

Neste contexto, é necessário compreender o conflito como uma situação que pode promover o autoconhecimento a fim de potencializar mudanças no campo das relações sociais e interpessoais. De acordo com Pistoia e Silva (2017, p. 35), as condutas dos alunos diante do ambiente escolar refletem necessidades não atendidas que decorrem da falta de atenção, cuidados e tantos outros fatores que poderiam impulsionar o comportamento esperado pelo professor.

De toda sorte, quando um aluno apresenta condutas desviantes, muito embora a primeira atitude esteja calcada na ideia de punição, as Práticas Restaurativas apresentam-se como alternativas nesse contexto, em que tratar do ato lesivo e tratar as causas do mesmo se tornam tão importantes quanto a punição. As Práticas Restaurativas, segundo Howard Zehr (2012, p. 78), possui como foco os danos e, sobretudo, necessidades. Assim, de forma inclusiva e cooperativa, poder-se-á tratar das obrigações de cada envolvido a fim de “endireitar as coisas”.

Quando Zehr menciona “endireitar as coisas”, ele alude ao fato do indivíduo estar inserido em uma realidade em que as pessoas estão, em menor ou maior grau, interligadas a partir de determinado aspecto. Com isso, na ocorrência de uma conduta lesiva, tal caracteriza um desequilíbrio social. Em suma, ao considerar a ideia sistêmica das relações sociais, o dano causa não apenas uma violação à regras pré-estabelecidas, mas uma quebra de relações pessoais, gerando repercussões em dada realidade social em que os indivíduos estão inseridos (ZEHR, 2012, p. 80).

Tal visão tem suas raízes na Justiça Restaurativa, eis que ambas as abordagens possuem como fito a reparação do dano causado e não a punição, muito embora ela também seja uma consequência a qual possa se vislumbrar. Mesmo que em ambientes com uma diversidade aflorada, as práticas restaurativas, aliadas à Justiça Restaurativa, representa um avanço no enfrentamento das violências de forma participativa e colaborativa (COSTELLO et al., 2011, s.p).

Contudo, em se tratando das práticas restaurativas no ambiente escolar, a resolução dos conflitos demanda o uso de uma comunicação que se mostre adequada a atender os objetivos das práticas restaurativas. Nesta toada, a Comunicação Não-Violenta (CNV) se torna uma grande aliada nessa relação. A CNV foi desenvolvida por Marshall Rosenberg e orienta a adoção de uma comunicação que visa expressar e ouvir melhor as pessoas, de forma ativa e inclusiva.

Para Rosemberg (2006, p. 57), “quando combinamos observações com avaliações, os outros tendem a receber isso como crítica” e mostrar resistência diante do que se aborda. Assim, o autor alega que a observação deve estar ausentes de avaliações, julgamentos e pré-conceitos.

Rosemberg defende uma estruturação da CNV diante de quatro pilares: a observação, o sentimento, a necessidade e o pedido. É necessário observar sem julgar, sendo necessário identificar “como nos sentimos ao observar aquela ação; magoados, assustados, alegres, divertidos, irritados, etc.” (ROSEMBERG, 2006, p. 25).

Percebe-se assim que o uso das intervenções restaurativas em conflitos no âmbito escolar entra em evidencia justamente pela sua capacidade em promover a prevenção e enfrentamento à violência de forma coletiva, envolvendo todas as partes e, consequentemente,

as necessidades. Objetiva-se, portanto, não ignorar o conflito e a dor causada através disso, mas sim reconhecê-lo, trabalhá-lo e reconstruir as relações que através do conflito foram abaladas.

As práticas restaurativas, aliadas a uma comunicação não-violenta que estimule uma escuta ativa considerando necessidades que por vezes são violadas, promovem um autocuidado diante de situações conflituosas, em que se facilita o diálogo e a prevenção de discursos violentos e tão presentes no seio social. No âmbito educacional, esse entendimento se destaca devido a pluralidade de identidades, sendo preciso que o corpo docente encontre novas ferramentas para lidar com situações distintas e que demandem um comportamento empático, construindo uma cultura da paz e um ambiente escolar livre de condutas e discursos violentos e que as relações interpessoais sejam construídas e mantidas de forma saudável.

2 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES, METODOLOGIAS E RECURSO

O projeto em análise se dá a partir da utilização dos círculos de construção de paz, prática restaurativa que visa o estímulo a reconexão ao *eu* essencial de cada indivíduo que, por vezes, possui suas necessidades ignoradas. Assim, o projeto possui como escopo a efetivação da Lei n. 6.185-2017, que implementa o Programa de Práticas Restaurativas nas escolas de Santa Maria, realizando círculos de construção de paz com professores que já são facilitadores de Práticas Restaurativas. Além disso, os professores/facilitadores que terão sua participação efetiva são capacitados através de curso oferecido pela Promotoria Regional de Educação - MPRS com apoio da Faculdade de Direito de Santa Maria - FADISMA quanto à certificação.

Com a realização de tal projeto, tem-se como possível fortalecer professores na disseminação das práticas restaurativas como promoção de espaços seguros de fala e escuta aos estudantes a partir da realização dos Círculos de Construção de Paz. Quanto à abordagem, Kay Pranis conceitua a metodologia dos círculos como “um processo de comunicação estruturado e simples que ajuda os participantes a se reconectarem com a valorização deles mesmos e dos outros de maneira alegre”, assim, o sujeito envolvido sente-se valorizado quanto aos seus sentimentos e necessidades (PRANIS, 2019, p. 3).

Hodiernamente, os círculos têm sido utilizados nos diversos campos sociais, eis que estes são compostos por relações suscetíveis ao dinamismo relacional. No âmbito escolar, por exemplo, tal dinâmica tem se mostrado eficiente no que concerne a construção de um ambiente pacífico e harmônico, sobretudo ao considerar que sociedades democráticas possuem a educação pública como alicerce de suas aspirações. Segundo Kay Pranis, “a educação pública é o comprometimento coletivo para a visão de uma sociedade que pode dar condições para que cada indivíduo busque uma vida com significado” (PRANIS, 2019, p. 3). Nesse mesmo sentido, a autora alega que

Para que a educação pública sirva como o grande equalizador de nossa sociedade, é essencial que cada criança possa alcançar o sucesso, desde aquelas que ocupam o lugar mais baixo na escala social, como as que estão no meio e no topo. Não é segredo nenhum que nos últimos vinte anos nossas escolas têm sido criticadas por falharem ao não atender às necessidades de muitas de nossas crianças e famílias. Existe pressão para que as escolas assegurem a competitividade global nos Estados Unidos e, ao mesmo tempo, que reparem a desigualdade social. Isso está acontecendo a um tempo em que as condições sociais e econômicas resultam em mais crianças chegando à escola com a necessidade profunda de apoio e orientação de adultos. Não é de se surpreender que os professores e direções das escolas se sintam sobrecarregados pelas tarefas que lhes são designadas (PRANIS, 2019, p. 4).

Assim sendo, acredita-se que o uso regular dos círculos de construção de paz em ambiente escolar reputa-se ferramenta essencial quando objetiva-se a busca por uma comunidade escolar saudável. “Círculo dentro de qualquer comunidade escolar ajudará a desenvolver relacionamentos que darão suporte e promoverão a aprendizagem, ao mesmo tempo em que irão nutrir o desenvolvimento social e emocional saudável tanto das crianças como dos adultos” (PRANIS, 2019, p. 5).

Em síntese, o uso das práticas restaurativas em âmbito escolar, sobretudo a utilização dos círculos de construção de paz, pode ser considerada de grande valia no combate a violência. Através de uma abordagem diferenciada, com o uso de uma comunicação não violenta, em que o aprendizado não se apresenta a partir de punições e restrições, mas sim de forma colaborativa e restaurativa, é possível estabelecer um ambiente escolar com um senso comunitário e restaurativo.

CONCLUSÃO

Com a crise instaurada no seio social, o ambiente escolar desvela-se de forma fecunda para a utilização das práticas restaurativas quando se fala em construir uma cultura de paz que visa restabelecer laços pessoais ora negligenciados por condutas tidas como desviantes. Assim, torna-se necessário estimular o uso dos círculos de construção de paz na tentativa de construir uma comunidade escolar contra e não estimulante a violência presente em dado contexto.

Oportunamente, é possível indicar que a metodologia punitiva e rigorosa utilizada mostra-se contraproducente em diversos aspectos, sendo que tal gera efeitos contrários ao que se espera neste cenário. Assim, embora não se ignore os esforços dos educadores e educadoras na tentativa de tornar a cultura escolar mais efetiva, o atual método de construção de aprendizagem é ultrapassado e pouco eficaz, principalmente quando entra em debate a aprendizagem que vai além dos muros escolares que visam o conhecimento específico no que tange aos temas abordados em cada área disciplinar.

Diante disso, o projeto em comento, ao fazer uso da metodologia narrada, aliada à comunicação não-violenta elaborada por Rosenberg, visa o estabelecimento de um ambiente cuja responsabilização de cada membro da comunidade no que se refere a gestão de conflitos e a (re)construção de um ambiente pacífico em que as relações interpessoais sejam harmônicas e sustentáveis. Leva-se em consideração as diferentes realidades e diferentes perspectivas vivenciais do indivíduo, não se ignorando problemáticas externas e que geram efeitos no processo educativo.

REFERÊNCIAS

CHRISPINO, Álvaro. Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v.15, n. 54, jan./mar. 2007.

PRANIS, Kay. **Círculos em Movimento**: construindo uma comunidade escolar restaurativa. Porto Alegre: Ajuris. 2019.



PISTOIA, C. D; SILVA, C. M. **Práticas Restaurativas:** uma metodologia ao alcance do educador. Porto Alegre: Ediplat, 2017.

ROSENBERG, Marshall. **Comunicação Não-violenta:** técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Ágora, 2006.

ZEHR, Howard. **Justiça Restaurativa.** São Paulo: Palas Athena, 2012.